



RESENHA

MATA, Inocência & SILVA, Agnaldo Rodrigues da (Org.). *Trajectórias culturais e literárias das ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Editora Pontes, 2018. 460 páginas.

DUMA PONTA À OUTRA: TRAJECTÓRIAS CULTURAIS E LITERÁRIAS DAS ILHAS DO EQUADOR.

Vera Lucia da Rocha Maquêa¹

*Eu queria falar convosco no nosso crioulo cantante
Queria levar até vós, a mensagem das nossas vidas
Na língua maternal, bebida com o leite dos nossos primeiros dias
Mas irmãos, vou buscar um idioma emprestado
Para mostrar-vos a nossa terra
O nosso grande continente,
Duma ponta a outra.*

(ALDA ESPÍRITO SANTO)

A literatura de São Tomé e Príncipe tem nomes já conhecidos, como é o caso de Conceição Lima, Alda Espírito Santo, Francisco José Tenreiro e Maria Manuela Margarido, com uma importante referência de estudos de suas obras. Mas, caminhando em linha tortuosa para não repetir o mesmo, digo que faltava, no Brasil, uma obra crítica da literatura são-tomense que tivesse como assunto, do princípio ao fim, em cinco dimensões, São Tomé e Príncipe. Não falta mais.

No livro *Trajectórias culturais e literárias das ilhas do Equador: estudos sobre São Tomé e Príncipe* (Editora Pontes, 2018), organizado por Inocência Mata, da Universidade Nova de Lisboa, e Agnaldo Rodrigues da Silva, da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), o leitor mais leigo da literatura são-tomense pode entrar em contato com a riqueza e a diversidade das letras de São Tomé e Príncipe, ao passo que o mais convivente pode ampliar suas perspectivas de estudos.

¹ UNEMAT - Universidade do Estado do Mato Grosso.



Nesse volume generoso (contam-se 460 páginas), múltiplo de colaboradores, o que não falta é variação: de forma, de temas, de perspectivas críticas, o que confere ao livro um eco musical, tão afeito ao espírito criativo sempre em busca de inovação experimental.

Já a “Introdução” é uma aula, naquele sentido amplo que inteligências distintas, como Paulo Freire, nos ensinaram: como um tempo de diálogo, interação, tensão, discordância e de estabelecimento de um campo de conhecimento que resiste à fragmentação. Os organizadores nos presenteiam com essa aula sobre cultura e literatura das ilhas equatorianas, uma introdução que oscila entre apresentação, prefácio, resumo expandido, preciosidades teóricas e recortes críticos, propondo ao leitor refletir sobre o que vai encontrar adiante. Nesse percurso dos organizadores, encontramos a complexidade de suas escolhas:

Articular os debates sobre a cultura na vertente que decorre do complexo eixo do conhecimento das ciências, artes, crenças, preceitos éticos e morais, costumes, hábitos, aptidões individuais e coletivas ao conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais requer cautela, tendo em vista que entram em campo saberes historicamente produzidos, bem como as tensões geradas com a rápida transformação sociocultural vivida pela humanidade: são metamorfoses que geram mecanismos cumulativos que se enriquecem à medida que passam de geração para geração (MATA; SILVA, 2018, p. 10).

O trecho acumula, com a abordagem de tópicos, de forma vertiginosa, a própria natureza da coletânea, consolidando sua orientação para o plural e o diverso, expressa no título por meio de suas “trajetórias”. Tal mobilidade empenhada resulta na abertura coerente de tratar de aspectos culturais e literários das ilhas são-tomenses sem se isolar; ao contrário, articulando a região insular ao mundo da sociedade global.

Estruturado em seis seções, divididas por temas que permitem ao leitor um roteiro de leitura bastante produtivo e instigante, o volume expõe seis textos sobre o eixo histórico-cultural das ilhas de São Tomé e Príncipe.

Assim, nesse primeiro segmento, Albertino Bragança trata das mudanças ocorridas em São Tomé e Príncipe, num recorte temporal que vai de 1990 a 2000, em que apresenta novas organizações da família e da escola, da economia e da sociedade e o impacto de tais alterações no tecido social das ilhas. Suas páginas são uma verdadeira viagem que conduz o leitor à percepção dos avanços e desafios do país, gerando no final uma espécie de alerta sobre o uso do crioulo, considerando a língua como um elemento privilegiado de comunicação que, caso não tenha a sua importância comprometida em face da exclusão dos santomenses, Bragança afirma que se corre o risco de “uma perda irreparável de parte de si próprios” (MATA; SILVA, 2018, p. 44).

Entre mitos, fábulas e lendas, conduz-nos Francisco Costa Alegre pela *amôlé pédasu* da mitologia são-tomense em que personagens de outras histórias, como Samora Machel, Martin

Luther King e muitos outros desfilam no imaginário da nação. Transitando entre o cotidiano da vida e o mundo mítico que a codifica, o autor conduz o leitor a uma conclusão: “não há Nação, não existe País, nem Povo, sem exploração de mitos e Lendas na sua trajetória de vida que se reporta em verdade, ou melhor, na explicação da realidade histórica” (MATA; SILVA, 2018, p. 68).

O mundo fugidio, do mito e da história, encontra no mar fluido e móvel, entre povos e continentes, o interesse do texto de Inocência Mata. Aqui, a matéria é uma biblioteca de poetas, escritores, geógrafos, sociólogos, que a professora e crítica destaca com primor no país em permanente deslocamento, em “invenção contínua de uma nação” (MATA; SILVA, 2018, p. 75), questionando, convidando o leitor a refletir “com” ela: “Como tem vindo o ilhéu são-tomense a assimilar as marcas da (nova) errância que o seu novo estatuto de emigrante lhe proporciona?” (MATA; SILVA, 2018, p. 75).

Francisco José Tenreiro é tema de Iolanda Aguiar para discutir questões de nacionalidade e pertencimento, já que o poeta aparece entre Portugal e São Tomé e Príncipe, o que ela questiona, ao analisar defesas de sua lusitania, como sendo uma visão essencialista de identidade. Abordando-o, o homem e a obra, a pesquisadora afirma que Tenreiro

foi um homem que olhou para São Tomé com ‘os olhos do mundo’, considerou ‘outros mundos’ possíveis e deixou-nos a percepção que ‘esses mundos’ se imbricam uns nos outros para dar coerência significativa ao espaço que hoje tem o nome de São Tomé e Príncipe (MATA; SILVA, 2018, p. 115).

Para a estudiosa, essa perspectiva compósita e de abertura para outras culturas foi o grande legado do poeta para o país. A emigração está com frequência no horizonte de uma visada sobre São Tomé e Príncipe; os que migram e os que ficam compõem o contato e a interação com o mundo. Jéssica Falconi apresenta uma leitura de textos literários e de um documentário em que aparece a figura do contratado. Questões de emigração e de alteridade se reúnem na condição do contratado, quase sempre, conflituosas. Conhecido pelo poema do angolano António Jacinto, o contratado aparece consignado tanto a esse país quanto a Cabo Verde, outro país insular. A estudiosa demonstra que esse dispositivo violento da empresa colonial baseado no trabalho escravo criou uma categoria de pessoas isoladas, representadas como desenraizadas, “cada um no seu isolamento e na sua solidão” (MATA; SILVA, 2018, p. 129) e, na obra de vários autores, na literatura e no referido documentário, o contratado tem sido definido como um sujeito de dupla ou múltiplas pertenças. Cabo-verdianos e são-tomenses são, de todo modo, sujeitos em trânsito, derivação de um processo histórico crivado pelo império colonial.

Fechando esta primeira seção da coletânea, encontra-se João-Manuel Neves que, pela narrativa de viagem, analisa a história pelos diários e relatos dos viajantes. Ao modo de muitos dos viajantes do século XIX (lembre-se *Voyage autour de ma chambre*, de Xavier de Maistre),

os jornalistas Muralha e Quintinha nunca estiveram em África, o que contribuiu para uma amplitude imaginária sobre os povos e culturas africanos. Segundo ele, “exprimiram visões coloniais do mundo distintas, representativas das duas principais correntes do imperialismo português” (MATA; SILVA, 2018, p. 169) mas, ao final, coincidiam no elogio da violência colonial para os propósitos do trabalho no sistema de plantação à época.

O segundo segmento da coletânea abre-se para a dramaturgia são-tomense, parte constituída de dois textos. O primeiro, de Luciana Morteo Éboli, mergulha na cultura popular e mostra a relação dos autos medievais, que remanescem do século XVI, com a cultura popular de São Tomé e Príncipe, sendo o Tchiloli seu principal veículo. De acordo com a pesquisadora

A teatralidade do Tchiloli evidencia-se através da base textual europeia com a junção dos elementos africanos de encenação, dados pelas coreografias, pela musicalidade, pelos cânticos, além de uma estética que prima pelo mágico, pelas cores dos figurinos e concepção cenográfica (MATA; SILVA, 2018, p. 184).

O ciclo carolíngio, releitura que foi se modificando no decorrer dos tempos, presentifica-se na cultura são-tomense como mais uma marca da Europa “conquistadora”. Segundo Éboli, as releituras e apropriações funcionam como uma “crítica ritualizada às classes dominantes e injustiças sociais” (MATA; SILVA, 2018, p. 185). Assumem, assim, um sentido completamente distinto das narrativas do período medieval europeu.

O segundo texto, de Agnaldo Rodrigues da Silva, ao abordar a dramaturgia são-tomense, traz uma importante discussão sobre *A berlinização da partilha de África*, de Aíto de Jesus Bonfim, que dedica a sua peça “aos desgraçados africanos”. O estudioso percorre uma trajetória entre livros, mitos e histórias, conduzindo o leitor a refletir, junto com o dramaturgo, “sobre a dicotomia entre o bem e o mal, observando-se que para a África todo europeu era nocivo” (MATA; SILVA, 2018, p. 209), incluindo-se o mito do Bom selvagem.

A terceira seção da coletânea comunica um fenômeno que vem sendo observado pelos estudiosos das literaturas de São Tomé e Príncipe: a presença de mulheres nas letras. Se as mulheres ganham a cena literária, são também as mulheres que leem essa poética feminina. Do total de críticos, nesta parte do livro há dez mulheres pesquisadoras e três homens. Se colocarmos em proporção, poucos países dos chamados desenvolvidos terão tantas mulheres na sua literatura. Veja-se o caso da literatura brasileira, ainda dominada por escritores, como demonstra Regina Dalcastagnè em estudo sobre o perfil do escritor brasileiro atualmente (2005).

Se a questão de gênero se nos apresenta como um fato digno de ser destacado, não é nele que vamos nos deter, no entanto. Os dez textos apresentam aspectos da poesia de mulheres, que trazem vozes femininas, feministas, negritudinistas, memorialistas, diaspóricas, identitárias, decolonizadas, demonstrando que não há territórios demarcados que mulheres não possam frequentar.

A seção traz o título “Inscrever o feminino: a literatura de autoria feminina são-tomense” e, de forma clara e objetiva, traça a participação das mulheres na vida pública, na expressão de seu papel político e de suas subjetividades. Vozes de várias gerações, preocupadas com questões diferentes, confluem na construção de um espaço de alargamento da democracia e da cidadania.

Essas mulheres, dentro e fora da literatura, são representações invertidas (vistas pelo outro lado) de mulheres que, pela transculturação, transitam outras nacionalidades: Nazaré Fonseca, Clariane Crippa, Jane Tutikian, Carmen Tindó Secco, Laura Padilha, Tania Lima, Inara Rodrigues, Rita de Souza, Zuleide Francisca de Souza, Deolinda Adão. Com elas, homens corajosos como Amarino Queiroz, Pires Laranjeira e Kleyton Pereira, trazem a leitura que as são-tomenses merecem: fronteiras, memórias e vozes, todas, muito visíveis.

O quarto segmento desta coletânea é um sopro de luz sobre dois autores: Caetano Costa Alegre e Francisco José Tenreiro, lidos por Adriana Elisabete Bayer e Mário César Lugarinho. Marcando um traço entre o nativismo e a poesia insular, Bayer lê a transculturação e destaca: “Se a Francisco José Tenreiro coube o lugar cimeiro como poeta da Negritude em língua portuguesa e de precursor da são-tomensidade, ele não foi o primeiro são-tomense a tratar da problemática gerada pela cor da pele” (MATA; SILVA, 2018, p. 377) . Segundo a estudiosa, Caetano Costa Alegre inaugura o tema e, ainda que sejam “duas perspectivas”, o problema é o mesmo. Lugarinho aborda o tema por outro viés: o da emergência do sujeito negro na literatura, estabelecendo negociações entre a cultura europeia e a africana em que, segundo ele

de Picasso em diante, a arte e a literatura não poderiam mais desprezar a cultura africana que lhe dera forma; sua citação, indicação e apropriação determinaria, sem dúvida a condição de eliminação das formas tradicionais de se entender e conceituar a arte (MATA; SILVA, 2018, p. 392).

E quando pensávamos em parar, no final da leitura de mais de quatrocentas páginas, encontramos prosas e versos. Mas estes, deixaremos que cada um encontre e prove. Não há frase e não há verso que possamos escolher para dizer dessas peças leves e brutas, de graça e arranjo formal de valer a pena, que enfrentam um leitor ao fim de tantas informações e discussões sobre São Tomé e Príncipe.

Por fim, para os veteranos, a obra permite ampliar os conhecimentos das línguas, das culturas e da literatura lá produzida e, para os iniciantes, se traduz em uma excelente chave para entrar num universo fabuloso e produtivo de criação literária das ilhas. A obra, pela sua abordagem diversa e flexível, atende a todos os gostos e permite demonstrar a variedade de formas literárias produzidas no país.

Como dissemos no início desta resenha: *Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador* são para leitores iniciados, mas também para leitores iniciantes. A diferença entre os primeiros e os segundos está nas páginas plenas de história e de cultura, na voz de estudiosos,

seus olhares multifocais, suas perspectivas críticas. Como pássaros a nos guiarem pela floresta, esses pesquisadores nos conduzem a uma visão ampla e vertical sobre as ilhas, sobre um aparente *petit pays*, mas, sobretudo, sobre a condição de uma nação livre, suas liberdades de escolhas e suas possibilidades reais de fazer escolhas.

Escolhas poéticas. Escolhas políticas.